

ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA E RELIGIÃO: UM DIÁLOGO QUE SE FAZ URGENTE¹

Ênio Brito Pinto

Resumo: A interface entre a orientação sexual na escola e a religião é um campo pouco estudado e muito polarizado. O equívoco de abordar a temática sem se considerar a influência da moral religiosa sobre a sociedade, ou de só olhar a questão pelo lado repressor da religião sobre a sexualidade.

Palavras-chave: Orientação Sexual na escola; sexualidade; religião

Depois de muitos anos trabalhando com a sexualidade e com a sexualidade dos jovens, chamou-me a atenção o fato de as ligações entre Orientação Sexual e religião serem pouco estudadas. Percorrendo os mais conhecidos livros sobre o tema, conversando com colegas sobre o assunto, percebi que há muito mais silêncios que indagações acerca da influência dos valores religiosos no trabalho de Orientação Sexual. A partir daí foi inevitável imaginar que este silêncio encobre múltiplas perguntas, esconde muitos não-saberes, inquieta profissionais, pais e alunos.

Principalmente a partir da segunda metade do século XX o comportamento sexual do ser humano vem se modificando de forma notória. O advento da pílula anticoncepcional, o novo alcance da publicidade, as mudanças na intimidade, o movimento feminista e tantas outras conquistas científicas e sociais tiveram enorme repercussão no comportamento humano e no exercício da sexualidade, exigindo novas maneiras de se abordar a sexualidade na adolescência. A Orientação Sexual é um dos instrumentos de que se dispõe nos dias de hoje para facilitar ao adolescente uma inserção social mais efetiva e mais plena de significados. Isso porque a importância de um posicionamento diante das questões relativas à sexualidade é, mais do que nunca, requisito fundamental para que o jovem se conheça e conheça seus limites e seu papel diante da sociedade humana.

Embora o discurso sobre a sexualidade não seja novidade no contexto escolar, o trabalho com a Orientação Sexual é recente e ainda carente de novas pesquisas e de

¹ Publicado em Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. (Org.). Laicidade, Religião, Direitos Humanos e Políticas Públicas. 1ed.São Paulo: São Paulo, 2016, v. 1, p. 63-72.. disponível em

aprimoramento. Tal necessidade de ampliação do campo de conhecimentos relativos à Orientação Sexual tornou-se atualmente ainda mais premente por causa da inclusão, em 1997, pelo MEC, do trabalho de Orientação Sexual nos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais – como um dos temas transversais nos currículos escolares.

Matéria obrigatória nos currículos, a Orientação Sexual ainda não tem, no Brasil, quantidade suficiente de profissionais devidamente habilitados para exercê-la de maneira sistemática e apenas começa a discussão de seus pressupostos teóricos. Mesmo o nome que se deve dar ao trabalho não é consenso: alguns preferem a nomenclatura “educação sexual”, ao passo que outros preferem definir o trabalho na escola como “Orientação Sexual”. Neste artigo utilizarei a terminologia proposta por Marta Suplicy (Suplicy, 1988b), a qual designa a expressão “educação sexual” como relativa à moral sexual familiar e social com a qual a pessoa se depara desde o seu nascimento e a expressão “Orientação Sexual” para o trabalho com a sexualidade humana realizado na escola. Esta nomenclatura é também a adotada pelos PCN. O termo “orientação” tem, no caso, algumas contraindicações e por isso não é adotado por muitos estudiosos do tema. Dessas contraindicações, quero destacar aqui duas: a primeira, é que o termo é também utilizado para designar questões de gênero, como em “orientação homossexual”, por exemplo; a segunda é que pode dar a ideia de que se vai orientar o jovem no sentido de que se dará um caminho para ele, o que não é o propósito do trabalho na escola, o qual se notabiliza por ser um fórum de discussões, não uma lista de diretivas sobre como lidar com a sexualidade. Ainda que eu concorde com essas divergências quanto ao nome do trabalho, penso que não se criou uma alternativa ao menos razoável para se denominar o trabalho feito na escola (e em outros lugares, como paróquias, centros de saúde, centros de convivência, etc), ao mesmo tempo em que penso que é fundamental que se diferencie este tipo de trabalho da educação sexual que é dada no cotidiano cultural. Por isso me utilizo do termo “Orientação Sexual” ao longo deste trabalho e nos diversos outros trabalhos que publiquei sobre o tema.

Dessa forma, aqui a distinção entre o que se chama de educação sexual e o que se chama de Orientação Sexual é básica. A educação sexual é um processo continuado a que todos estamos sujeitados e diz respeito, fundamentalmente, à maneira como a cultura trata a sexualidade humana. A Orientação Sexual é um trabalho sistemático, realizado preferencialmente em escolas, que abre para os jovens um lugar protegido no

qual eles podem, com o acompanhamento de um adulto responsável, debater sobre a educação sexual recebida.

A educação sexual é feita pela família e por toda a sociedade e se dá antes mesmo da criança aprender os primeiros balbucios e continua pela vida afora, através de palavras, gestos, atitudes dos que convivem de maneira significativa emocionalmente com a criança, com o jovem ou mesmo com o adulto. A educação sexual, em suma, é esta educação informal e perene feita no dia-a-dia que dá a base para que as pessoas adotem um referencial diante da sexualidade.

Desta maneira, a educação sexual se dá a princípio através da família, depois através de todas as relações e instituições formais e não formais da sociedade, inclusive a própria escola, de forma que toda a sociedade participa da educação sexual, incluída aí a religião, qualquer que seja ela. Todas as religiões têm normas sobre a sexualidade e sobre o exercício da sexualidade pelos seres humanos. Assim é que encontraremos normas para a conduta sexual do ser humano nas religiões cristãs, no islamismo, no judaísmo, no budismo, enfim, em qualquer lugar onde o ser humano tenha ou pretenda ter um contato com o sagrado lá encontraremos leis que regulam e disciplinam a sexualidade humana. Esta presença da religião no processo de educação sexual já de há muito vem sendo estudada, quer seja por pessoas ligadas a uma religião, quer seja por pessoas que não têm nenhuma ligação formal com qualquer religião, a ponto de ser seguro afirmar que é raro o livro sobre a sexualidade humana que não tenha algum comentário, para dizer o mínimo, sobre a intersecção entre a religião e a sexualidade.

Baseado na idéia de que o ser humano deve e pode escolher ou descobrir seus próprios valores, dentre os quais os ligados à sexualidade, foi desenvolvido o trabalho de Orientação Sexual como maneira de facilitar aos jovens a descoberta e a assunção de seus valores relativos à sexualidade. Este trabalho se caracteriza por abrir um espaço na escola através do qual os jovens podem discutir suas dúvidas sobre o assunto, além de buscarem posicionar-se valorativamente quanto à sexualidade. A Orientação Sexual pretende ser um trabalho que não se prenda apenas aos aspectos informativos ou biológicos acerca do tema, mas também propicie aos jovens a possibilidade de debater os tabus, os preconceitos e a educação sexual de uma forma geral, buscando assim ampliar seus conhecimentos sobre a própria vida sexual e sobre a sexualidade.

A Orientação Sexual é obrigatória na grade curricular brasileira, dizem os PCN, retirando a obrigação exclusiva de cuidar da sexualidade dos jovens do âmbito mais

amplo sócio-familiar e dividindo-a mais explicitamente com a escola e os educadores. O que se procura é ampliar os espaços para a discussão de um tema que é básico na formação da identidade de cada pessoa, com a expectativa de que essa discussão possa facilitar aos jovens uma melhor construção da própria identidade e uma mais segura apropriação de seu espaço no mundo. Infelizmente o fato de se tornar obrigatória a inclusão da Orientação Sexual no currículo escolar acabou sendo uma má medida, pois quando essa tarefa foi imposta à escola não havia (como ainda não há) profissionais devidamente preparados para a execução dessa tarefa. Dessa forma, criou-se um vazio, uma legislação que não pode ser obedecida, caindo em um velho costume brasileiro de possuímos leis que não pegam, quer dizer, não há no meio cultural estrutura suficiente para que se as cumpram. A situação que vemos hoje é, de certa forma, pior que a anterior a 1997 por causa desse apressamento em tirar do fogo um saber que ainda se construía em ponderadas experimentações e discussões. Por aqodamento legislativo e por oportunismo, no mínimo se atrasou o desenvolvimento de um trabalho muito útil e importante para a educação brasileira.

Obrigatório, ou não, o trabalho de Orientação Sexual precisa ser mais discutido e desenvolvido no Brasil. Uma de suas questões principais é o fato de ele dever ser voltado para os adolescentes, uma vez que a adolescência é um período de preparação para a vida adulta, quase que um treino para o que virá depois, embora não se deva perder de vista que o adolescente já é um ser sexualizado e consciente disso. A adolescência não é menos importante por ser assim, antes pelo contrário. É preparação para a idade adulta porque é o momento em que o ser humano pode assumir seus valores, tomá-los como seus e por eles se orientar, tarefa impossível anteriormente porque só agora a capacidade de abstração está disponível suficientemente.

Este trabalho de orientação sexual tem sua importância derivada principalmente do fato de que é uma atividade de cunho preventivo que vem ao encontro de muitas e atuais necessidades sociais. Atualmente, o que se percebe é que, de uma maneira geral, os jovens e as jovens têm uma informação razoável sobre a sexualidade, pois, além do amplo acesso às informações pela internet, a mídia tem divulgado bastante matérias sobre o tema. Mas apenas a informação não basta, estão aí, por exemplo, os impressionantes números de gravidezes inoportunas e de abortamentos no Brasil para provar. Falta um trabalho que propicie aos jovens um conhecimento mais abrangente de sua sexualidade e que também lhes propicie transformar essas informações que têm em

conhecimento e os conhecimentos em sabedoria incorporada em suas vidas. Não se deve pensar que a Orientação Sexual na escola possa, por exemplo, acabar com as gravidezes indesejadas, mas deve-se esperar que este trabalho seja de grande ajuda para a redução dos impressionantes números que nossas estatísticas mostram, especialmente nos estados mais pobres da nação.

Além dessas preocupações de ordem higiênica, é importante lembrar-se que vivemos em uma cultura que, segundo Araújo (1997), traz em seu bojo uma moral sexual ditada de forma vertical para a sociedade através do Estado, e/ou da religião, e/ou da economia, esta principalmente através da mídia. Dentre esses valores morais sobre os quais a religião, a economia e o Estado vão legislar, inevitavelmente existirão normas que dizem respeito ao exercício da sexualidade humana, as quais com muita probabilidade serão assunto de aulas de Orientação Sexual.

Segundo os PCN, a Orientação Sexual deverá ter três grandes blocos de conteúdo, *a) corpo: matriz da sexualidade; b) relações de gênero e c) prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/AIDS*. Esses assuntos são também tema de códigos morais religiosos, de maneira que me pareceu ser inevitável um encontro e absolutamente necessário um diálogo.

Parece-me importante que se leve em conta que a religiosidade é fenômeno inerente ao ser humano, independentemente de ele afiliar-se ou não a uma instituição religiosa. Isso faz pensar na importância que os diversos posicionamentos morais religiosos têm, uma importância que não pode mais ser ignorada ou evitada pelos teóricos da Orientação Sexual. No entanto, não é difícil encontrar-se um certo preconceito – para não dizer repúdio – quanto à religião entre os autores que se dedicaram à Orientação Sexual.

Religião e Orientação Sexual

Historicamente, a área da sexualidade humana é uma das que mais questionamentos sofreram, com enormes mudanças de atitudes e de comportamentos aceitos socialmente ao longo da trajetória da humanidade. É antiga e existe até hoje a interface entre as religiões e a sexualidade humana. Esta interface está presente principalmente na questão dos valores que deverão orientar o ser humano em sua relação com o mundo e com os outros seres humanos. Por causa disso, a Orientação Sexual faz aproximações com a religião, uma vez que a orientação sexual tem como

uma de suas mais importantes metas abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência através da reflexão.

O trabalho de Orientação Sexual é relativamente novo e ainda carente de uma melhor aproximação científica que lhe dê respaldo teórico e que permita uma maior tranquilidade aos educadores e psicólogos que se ocupam dele. Há anos tem-se ampliado a atenção para os aspectos teóricos da Orientação Sexual, especialmente por psicólogos, com estudos sendo realizados em diversos pontos do Brasil. No entanto, há uma área da Orientação Sexual que permanece como que envolta em tabu: as influências que ela sofre da e exerce sobre a religião.

Se a ligação entre a sexualidade humana e a religião é tão antiga, o que justificaria o silêncio sobre os aspectos religiosos que fazem interface com a Orientação Sexual? Seria possível fazer-se um trabalho de Orientação Sexual na escola sem tocar em temas caros às moralidades religiosas? Como é possível debater-se sobre a educação sexual sem tocar nos temas moralizados pelas religiões se a moral religiosa sexual ainda é tão básica em nossa sociedade ocidental, notadamente na brasileira? Incomodado por estas questões, lancei-me a pesquisar e não foi sem um certo espanto que encontrei em alguns autores (COSENTINO, SUPPLY) a crença de que se poderia discutir a sexualidade humana sem se tocar em questões morais, como se fosse possível uma aproximação apenas higiênica, cientificamente “esterilizada”, puramente secular, que tocassem apenas em temas ligados à saúde e à qualidade de vida, sem passar por valores pertinentes à moral e, por extensão, à religião.

Em outros cientistas (ARATANGY, CHAUÍ, COSTA, RIBEIRO, L.) encontrei o reconhecimento da impossibilidade de se estudar a sexualidade humana sem haver contato com as fronteiras religiosas dessa sexualidade. Mas a maioria desses autores olhava apenas sob um determinado ângulo para o encontro entre a religião e a sexualidade humana, o ângulo da repressão exercida pela religião. Para esses estudiosos, religião e repressão sexual são praticamente sinônimos. Com efeito, se olharmos a história do Ocidente encontraremos a religião exercendo um papel repressor sobre a sexualidade. Em outros termos, a religião, de uma forma geral, tem legislado de maneira rigorosa sobre a vida humana ocidental em grande parte através da sexualidade. Não poderia ser diferente: a cultura ocidental se apóia em grande parte na sexualidade, principalmente nas relações de gênero, para determinar as cooperações sociais e o

conceito de família. É preciso que se perceba, no entanto, que se a religião, na maioria dos casos, reprime, ela também delimita. Combater a repressão é necessário, mas também é necessário que não se jogue fora o bebê junto com a água, ou seja, é preciso valorizar a importância cultural das delimitações da sexualidade forçadas e mantidas pela religião, e isso só é possível através de um diálogo que transforme a religião e a ciência, facilitando o crescimento cultural em direção a uma laicidade ainda mais ampla e consideradora da religião.

Creio que há a necessidade de um diálogo mais profundo e mais aberto entre a Orientação Sexual na escola e a religião. Acredito que esse diálogo já começa a acontecer e que é preciso clarear a sua importância. É importante que se desenvolva o cuidado de olhar para o encontro entre a religião e a sexualidade humana sabendo que ele não se dá apenas através da repressão e que não se constitui somente de “nãos”. As margens de um rio não são imutáveis e nem determinam a velocidade com que as águas correm, mas sem elas o rio não seria sequer um lago.

Penso que é preciso verificar-se quais são os limites sociais colocados hoje em dia à sexualidade humana e qual é o papel da religião neste aspecto. No meu modo de ver, a religião continua com o papel de oferecer limites à sexualidade humana, dividindo, é verdade, o espaço com outras bases morais, mas não há como negar a influência e a importância da religião no tocante a este problema. Meu ponto de vista deriva de estudos sobre a religião. Não tivesse eu mergulhado no estudo do universo religioso e não conseguiria limpar meus olhos da lente do preconceito contra a religião, tão comuns a um certo ceticismo científico/secular.

Em meus estudos sobre o encontro entre a religião e a Orientação Sexual na escola, percebi que há uma lacuna: os estudiosos da sexualidade humana estudaram pouco a religião humana. Numa área, a dos estudos sobre a sexualidade humana, em que se queixa tanto de preconceitos, numa área em que se reputa à religião a gênese de tantos preconceitos, encontrei preconceitos. A maioria dos estudiosos da sexualidade humana praticamente vê apenas um lado da interface entre a religião e a sexualidade, exata e paradoxalmente seu lado mais cruel, aquele que se mostra veementemente. Um aspecto que se mostra tão explicitamente que causa estranheza não provocar estranhamento. Como foi possível não se perceber que há um lado luminoso que também merece ser observado atentamente?

Penso que não é possível uma atividade em Orientação Sexual apenas científica, inteiramente secularizada ou profana, que seja independente das concepções éticas e religiosas sobre a sexualidade. Acredito que é possível demonstrar que a religião faz parte do trabalho de Orientação Sexual de maneira implícita e até não percebida. Em outros termos, o que afirmo é que na prática há inter-relação entre o trabalho de Orientação Sexual e concepções religiosas, há um encontro não confessado entre a Orientação Sexual e a religião e isso precisa ser claramente discutido.

Também com a finalidade de começar a preencher essa lacuna, mas principalmente com a intenção de demonstrar que ela é um vazio extremamente fértil, é importante que se olhe a história da cultura humana como maneira de chamar a atenção para a parte escondida do iceberg. Em toda a história humana há regras incidentes sobre a sexualidade, regras sem as quais nenhuma organização social ampla é possível. Para que possa haver vida social, o desejo sexual exige ser regulamentado. Creio que hoje em dia há, como sempre houve, a necessidade e a possibilidade de transformação das atuais regras que incidem sobre a sexualidade humana, pois é bastante claro que, neste campo como no da religião, não há regras imutáveis ou não-históricas.

A excessiva biologização/laicização que encontramos em muitos estudos sobre a sexualidade humana parece ser uma concretização exagerada dos fatos observados pelos estudiosos. De alguma maneira, parece-me que a ciência ainda não se deu conta de que o símbolo é algo que está para além do fato concreto, mas que não desfaz deste mesmo fato concreto. Dito de outro modo, o que me parece é que, enquanto estudiosos da sexualidade humana, não percebemos que o falo é *também* um pênis ereto, que uma menstruação pode proporcionar para uma mulher a diferenciação entre ser fêmea e ser feminina. Neste ponto acredito que a religião tem muito a oferecer à Orientação Sexual, dado que o simbólico é, por excelência, o terreno do religioso. Se olhados simbolicamente, alguns preconceitos podem passar a ser vistos com outro significado, facilitando uma compreensão mais ampliada e uma melhor aceitação de algumas características da sexualidade humana.

Não quero deixar de lembrar também da secularização e da sua influência no trabalho de Orientação Sexual na escola, não deixando de levantar que ela, a secularização, não é um desencantamento do todo da vida nem do todo da sexualidade. Na Orientação Sexual é importante que se note que a diferenciação, a racionalização e a mundanidade trazidas pelo longo processo de secularização a que ainda estamos

sujeitados não nos retira de todo a religiosidade, mas nos permite discutir as questões morais e religiosas que se referem à sexualidade, de tal forma que possamos manter a esperança de alcançar um dia uma moral sexual mais democrática, mais fruto de discussões sociais e menos outorgada do que ainda é hoje. Uma moral sexual democrática *e coletiva*, pois sem o mínimo de normas comuns os seres humanos corremos imenso risco de virmos a sofrer por falta de espaço para que a empatia se manifeste.

Além de tudo isso, é necessário que se lancem reflexões sobre o trabalho com a sexualidade humana no Brasil. Não é sem razão que se reclama por mais estudos brasileiros sobre a sexualidade dos brasileiros (PARKER e BARBOSA). A peculiar alma brasileira, a peculiar sexualidade brasileira, a peculiar identidade brasileira são temas que precisam frequentar com cada vez maior assiduidade os meios científicos brasileiros. Esse imenso e erótico país precisa conhecer-se melhor para ser mais acolhedor e mais fértil solo para cada um de seus habitantes. Conhecer-se mais implica também em reconhecer as particularidades da religiosidade brasileira, fruto da maneira como esta terra foi colonizada. Uma religiosidade marcada profundamente por um sincretismo persistente, por um trânsito religioso notável, por uma certa e recente perda de poder das instituições religiosas, por um sagrado, de certa maneira, privatizado e expandido. Esta religiosidade, fruto de integração de culturas diversas e convergentes, possibilita uma maneira peculiarmente brasileira de exercício da sexualidade e, por extensão, de trabalho em Orientação Sexual na escola.

Penso que já há maturidade para um encontro mais criativo e mais íntimo entre a Orientação Sexual e a religião. Este encontro já está se dando, embora não seja de todo fácil, como não é fácil nenhum encontro que seja potencialmente transformador. O encontro entre a Orientação Sexual e a religião é uma troca, uma troca de influências e de pontos de vista, um encontro que pode se colocar a serviço do ser humano, a serviço da construção de um mundo mais justo e mais amoroso.

Termino desvelando minha esperança de que o diálogo entre a Orientação Sexual na escola e a religião possibilite que ambas, Orientação Sexual e religião, possam ser agentes de facilitação para que a sexualidade humana seja fonte de alegrias e de prazeres, de responsabilidades e de autoconhecimento, possa ser fonte de capacidade de comprometimento.

Referências

- ARATANGY, L. R. *Sexualidade, a difícil arte do encontro*. São Paulo: Ática, 1995
- ARAÚJO, M L M. *Sexo e Moralidade: o Prazer como Transgressão no Pensamento Católico*. Londrina, PR: UEL, 1997
- BRASIL, MEC, *Parâmetros Curriculares Nacionais : Terceiro e Quarto Ciclos: Apresentação Dos Temas Transversais*. Brasília : MEC/SEF, 1998. disponível na internet, 2015, <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>
- CHAUÍ, M. *Repressão Sexual*. São Paulo: Círculo do Livro, 1990
- COSENTINO, É.N. U. *Para Educar é Preciso Pensar*. São Paulo: Organon, 2000
- COSTA, M. *Sexualidade na Adolescência*. Porto Alegre: L&PM, 1995
- PARKER, R.e BARBOSA, R M. (orgs.). *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996
- PINTO, Ê.B. *Orientação Sexual na Escola: A importância da psicopedagogia nessa nova realidade*. São Paulo: Gente, 1999
- _____. Sexualidade e Ética: Um olhar do psicólogo. Revista *Vida Pastoral*, novembro-dezembro de 2010, ano 51, nº 275, p. 06-11
- _____. *Orientação Sexual: Como ensinar sexualidade aos jovens dialogando com sua religião*. São Paulo: Ideias e Letras, 2015
- RIBEIRO, L. *Sexualidade e reprodução – O que os padres dizem e o que deixam de dizer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001
- RIBEIRO, M. (org.). *Educação Sexual*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993
- SUPLICY, M. *Sexo Para Adolescentes: amor, homossexualidade, masturbação, virgindade, anticoncepção, AIDS*. São Paulo: FTD, 1988
- _____. *Sexo Para Adolescentes – Orientação Para Educadores*, São Paulo: FTD, 1988
- _____. Educação e Orientação Sexual. Em: RIBEIRO, M. (org.). *Educação Sexual*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993